

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT19.053

ESCRITA DIGITAL E EDUCAÇÃO: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE AUTORIA E MEDIÇÃO DOCENTE

Albanyra dos Santos Souza¹

RESUMO

Sob a perspectiva da Linguística Aplicada e da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, o estudo objetiva analisar como as práticas de escrita mediadas por tecnologias digitais contribuem para a formação do escritor em contextos educacionais. A discussão teórica está pautada nos pressupostos bakhtinianos sobre enunciado e gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, 2017; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1976) e nos estudos contemporâneos sobre práticas de linguagens digitais, escrita digital, autoria e ensino (GERALDI, 2006; LÉVY, 2011, RIBEIRO, 2018; RUIZ, 1998; SERAFINI, 1995). A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, com foco na análise de três artigos científicos publicados em um periódico nacional do campo da Linguística Aplicada, entre 2013 e 2018. Os estudos analisados problematizam as diferentes dimensões da escrita digital, com foco tanto nas potencialidades quanto nos desafios pedagógicos emergentes desse contexto. Os resultados destacam: o papel do professor como mediador de práticas dialógicas de escrita e reescrita por meio da produção hipertextual colaborativa mediada pela tecnologia wiki; enfatizam a natureza interativa e polifônica da correção textual digital, na qual os revisores assumem tam-

1 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: albanyra.souza@gmail.com. Professora Assistente da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó - FELCS/UFRN.

bém a posição de leitores interessados, ampliando o caráter dialógico do processo; problematizam a noção de autoria no ciberespaço, de modo que a reprodutibilidade técnica não implica cópia, mas pode configurar um ato de ressignificação responsável, que demanda do sujeito uma ação consciente de formação ética e discursiva. Em síntese, os resultados revelam a centralidade da mediação docente, a natureza colaborativa da autoria e as implicações ético-discursivas desse processo, o que exige novas abordagens pedagógicas.

Palavras-chave: Escrita digital; Gêneros discursivos; Ensino de Línguas; Enunciados; Tecnologias digitais.

INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas e comunicacionais, nas últimas décadas, reconfiguram profundamente as práticas de linguagem humana e os modos de ler e escrever no espaço digital. A expansão do ciberespaço como esfera de circulação discursiva consolidou aquilo que Lévy (2010) denominou de “cultura do ciberespaço ou cibercultura” – um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolve com o crescimento do ciberespaço. Para Lemos (2003), a cibercultura nada mais é do que a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Não se caminha ainda em direção à cibercultura. Ela já é uma realidade vivida no tempo presente, evidenciada nos usos de serviços como o home banking, cartões inteligentes, telefones celulares, entre outros dispositivos. A cibercultura corresponde à cultura contemporânea como consequência direta da cultura técnica moderna.

Sob a perspectiva da Linguística Aplicada (LA), campo interdisciplinar voltado à investigação de problemas sociais mediados pela linguagem (MOITA LOPES, 2006), a discussão sobre escrita digital busca refletir o cenário educacional atual e as novas formas de produção e circulação dos discursos, frente aos desafios pedagógicos decorrentes dessa configuração. Diante disso, emerge a urgência de compreender a escrita digital como um fenômeno de ordem discursiva e pedagógica que mobiliza competências técnicas docentes e discentes, dimensões éticas no uso e construção dos gêneros digitais, além da dimensão estética do ato de enunciar, bases estas que justificam a pesquisa. A partir desse deslocamento subversivo, o presente estudo objetiva analisar como as práticas de escrita mediadas por tecnologias digitais contribuem para a formação do sujeito escritor, a partir da noção bakhtiniana de enunciado e de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, 2017; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1976). Além disso, consideram-se ainda estudos contemporâneos sobre práticas de linguagem digital, escrita digital, autoria e ensino (GERALDI, 2006; LÉVY,

2011, RIBEIRO, 2018; RUIZ, 1998; SERAFINI, 1995) na análise e interpretação dos resultados.

De modo geral, a análise dos estudos revelou que a escrita digital instaura novas formas de autoria e interação, a partir da natureza colaborativa e polifônica do discurso nos ambientes digitais, por estes se constituírem ambientes propícios à produção hipertextual coletiva e favorecerem, de modo especial, facilidades no processo de reescrita, de integração de linguagens e, sobretudo, o acompanhamento docente no percurso autoral. Além disso, sobre a prática de revisão textual de gêneros digitais, a correção se constitui como uma atividade dialógica e interativa, cujo aluno revisor assume o papel de leitor interessado, ampliando, assim, o caráter responsivo da escrita. Ainda enquanto síntese integradora dos resultados da pesquisa, a discussão em torno da autoria no ciberespaço apontou que a reprodutibilidade no ambiente digital não se reduz à cópia; por outro lado, configura um ato ético de ressignificação, em que o sujeito se posiciona de modo responsável diante do texto e do outro (BAKHTIN, 2017).

Assim, a escrita digital, quando compreendida sob uma perspectiva dialógica e pedagogicamente mediada, favorece a autoria colaborativa, promove a construção de sentidos compartilhados e expande a educação linguística crítica, situada e ética, princípios esses essenciais para o agenciamento do sujeito escritor que se constrói na e pela linguagem.

METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa em Linguística Aplicada, com delineamento de natureza bibliográfica, conforme os princípios metodológicos que orientam as investigações voltadas à análise e à interpretação de textos científicos pertencentes à esfera da divulgação científica (GRILLO, 2013). A escolha por essa perspectiva justifica-se pela complexidade dos fenômenos linguísticos em contextos educacionais mediados por tecnologias digitais, os quais exigem uma compreensão aprofundada das práticas de linguagem condicionadas por esses recursos.

A pesquisa qualitativa nas ciências humanas, especialmente no campo da Linguística Aplicada, além de reconhecer a natureza subjetiva e situada dos fenômenos discursivos, também demanda do pesquisador sensibilidade teórica e metodológica para lidar com a multiplicidade de sentidos, vozes e práticas de linguagem.

A pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos que se caracteriza como pesquisa baseada em publicações de caráter científico, sem a necessidade de recorrer diretamente aos fatos ou fenômenos da realidade empírica (OLIVEIRA, 2007). A principal finalidade desse tipo de pesquisa é possibilitar aos pesquisadores o contato com documentos científicos que abordem o tema em estudo.

Neste estudo consideramos os artigos científicos como documentos historicamente situados, com finalidades discursivas específicas relacionados a uma esfera da atividade humana. Bakhtin (2011) propõe as esferas sociais como princípio organizador dos gêneros do discurso, uma vez que essas esferas caracterizam as situações de interação e estabilizam os enunciados relativamente estáveis que nelas circulam, originando, assim, os gêneros do discurso. Cada esfera organiza sua forma típica de comunicação social, orientada por contextos concretos de produção e com funções ideológicas determinadas. Na esfera da divulgação científica, destacamos o gênero artigo científico como objeto de estudo.

Para Grillo (2013), a esfera da divulgação científica é uma atividade discursiva que ocorre principalmente na esfera científica. Nesse campo, a divulgação costuma assumir a forma de gêneros variados, entre eles, o artigo, destinando-se tanto ao público-alvo mais restrito quanto a estudantes universitários e pós-graduandos de modo geral, e ainda a leitores externos à própria esfera científica (GRILLO, 2013). A cultura científica é relevante na medida em que insere a ciência no conjunto das manifestações culturais de uma sociedade, dialogando com outros produtos culturais e outras esferas sociais.

A geração e delimitação do corpus de análise deu-se a partir da revista científica on-line Revista Brasileira em Linguística Aplicada (RBLA). Com-

puseram o corpus três artigos publicados entre 2013 e 2018. É importante considerar que não é pretensão neste estudo realizar qualquer análise comparativa entre os estudos ou mesmo fazer avaliações sobre a revista de publicação. A busca pela identificação dos estudos serviu unicamente ao propósito de refletir, de forma crítica e aprofundada, sobre os desdobramentos teórico-metodológicos das pesquisas na interface entre tecnologia digital, ensino da escrita em ambientes digitais e suas implicações.

Na escolha do periódico foi considerado, em um primeiro momento, o seguinte critério geral: tratar-se de um periódico vinculado a um Programa de Pós-Graduação entre os mais bem avaliados pela Capes na área da Linguística Aplicada (LA) - o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais - responsável pela publicação da Revista Brasileira em Linguística Aplicada.

Além disso, a escolha pautou-se ainda em princípios complementares: (a) publicar estudos alinhados aos pressupostos teóricos e metodológicos da Linguística Aplicada, com foco nas relações entre linguagem e ensino; (b) possuir qualificação máxima no sistema Qualis (A1), o que assegura excelência acadêmica das publicações; (c) restringir a submissão de artigos a autores doutores, o que indica que os textos são, em geral, resultantes de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores sêniores, teses de doutorado ou investigações de pós-doutoramento; (d) garantir acesso gratuito e disponibilidade no meio digital; e (e) manter regularidade na periodicidade de publicação e compromisso com a divulgação científica de qualidade.

Já os critérios para a identificação dos estudos foram os seguintes: (a) priorizar o gênero artigo científico entre os diversos gêneros do discurso veiculados em periódicos on-line; (b) apresentar publicações no período de 2013 a 2018², garantindo atualidade e pertinência temporal das discussões; (c) delimitar os trabalhos inseridos no campo da Linguística

2 A presente análise contempla exemplares publicados entre 2013 a 2018. No entanto, a versão integral do corpus investigado, correspondente ao período de 2011 a 2020, está

Aplicada, sobretudo aqueles voltados às tecnologias digitais e ao ensino de línguas; e (d) incluir pesquisas que abordem o ciberespaço educacional, privilegiando estudos que proponham reflexões pedagógicas sobre práticas de ensino e aprendizagem mediadas por tecnologias.

Diante da definição do corpus, de sua vinculação ao campo da Linguística Aplicada e da delimitação dos estudos da esfera científica sobre escrita mediada pelas tecnologias digitais, parte-se então, para a apresentação dos resultados e discussão do objeto de pesquisa. Serão apresentados os resultados da investigação, organizados a partir das contribuições teóricas e empíricas dos estudos analisados, com ênfase nas práticas de escrita digital, na constituição de subjetividades e nas interfaces entre o texto impresso e o texto em tela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de construir bases para o entendimento do processo de escrita digital, foram selecionados três estudos que contribuem para a discussão. O primeiro, (I) Escrita digital colaborativa a partir da tecnologia wiki, publicado na Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 17, n. 3 de 2014, escrito por Luciene da Silva Santos Bonfim e Adair Vieira Gonçalves; o segundo, (II) A prática de revisão textual na escola: uma análise das categorias de correção em uma oficina de fanfictions, publicado na Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 18, n. 3, de 2018, escrito por Larissa Giacometti Paris; e o terceiro, (III) Ferramentas tecnológicas para investigação de autoria, escrito por Lidia Helena Muller Zart e Dinorá Moraes de Fraga, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, publicado na Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 13, n. 1, de 2013.

A pesquisa (I) Escrita digital colaborativa a partir da tecnologia wiki, publicada na Revista Brasileira de Linguística Aplicada discute a produção hipertextual construída colaborativamente por uma turma do Ensino

apresentada e discutida de forma ampliada na tese de doutoramento, posteriormente publicada na obra *Leitura e Escrita no Ciberespaço* (SOUZA, 2023).

Médio, utilizando como ferramenta a tecnologia wiki. O estudo investigou de que maneira os estudantes do segundo ano do Ensino Médio – participantes da pesquisa – combinam modalidades semióticas diferentes e utilizam recursos digitais para a produção hipertextual colaborativa.

Os autores apresentaram a tecnologia wiki como ferramenta da Web 2.0, com a função de possibilitar a construção aberta e coletiva do conhecimento, a partir da mistura de diversos recursos como, por exemplo, a palavra, a imagem estática ou em movimento, o som e a animação. A plataforma possibilitou a produção colaborativa de textos com a integração de mídias verbais e não verbais, uma vez que se constitui uma plataforma livre e gratuita para acesso e edição pelos usuários. Sobre o uso da ferramenta em sala de aula, os autores escrevem:

A wiki abre **novos caminhos para a produção (hiper)textual colaborativa** em sala de aula, estabelecendo novas possibilidades de utilização de ferramentas digitais para a produção de (hiper)textos e, para o professor, novos usos destas ferramentas com aplicação pedagógica (BONFIM; GONÇALVES, 2014, p. 852, grifos nossos).

Na experiência com a tecnologia wiki, os pesquisadores chamam a atenção para um trabalho com práticas colaborativas hipertextuais, uma vez que a ferramenta oferece aos aprendizes a possibilidade de trabalhar simultaneamente com o hipertexto e com a integração de variadas linguagens, facilitando a sua construção. Nesse tipo de aprendizagem, duas ou mais pessoas agem colaborativamente em função da compreensão do objeto de ensino. O aprendizado depende muito mais das atitudes e escolhas do aluno frente às ferramentas mediadoras de conhecimento do que propriamente da ação do professor. Com a ferramenta wiki, os alunos são orientados à produção hipertextual colaborativa a partir das possibilidades de escrita e, indissociavelmente, de reescrita do próprio texto. Sobre as possibilidades de reescrita no ambiente digital, os autores do estudo destacam que:

Dentre algumas possibilidades de reescrita na web mapeadas na literatura da área, destacamos: **apagamento da informação**

apresentada; expansão da informação solicitada; correções linguístico-discursivas; utilização de mecanismos supratextuais; além de inserção de imagens e de hiperlinks (BONFIM; GONÇALVES, 2014, p. 852, grifos nossos).

Como possibilidades de reescrita no ambiente digital, a pesquisa destaca: o apagamento da informação apresentada, atividade em que o aluno, na segunda versão do texto, omite a passagem textual da primeira versão; a expansão da informação solicitada, que corresponde ao resultado produtivo da indicação de reescrita mediante explicações adicionais e à progressão de ideias (SILVA; SANTOS; MENDES, 2014); as correções linguístico-discursivas, que implicam conhecimentos acerca dos elementos de conexão, coesão nominal e coesão verbal, conforme a tradição da Linguística Textual, representando os mecanismos de textualização (GONÇALVES; NAPOLITANO, 2013). Além disso, inserem-se ainda as atividades epilinguísticas (GERALDI, 2006) como operações em que se manifestam as negociações de sentido, cujas ações incidem tanto sobre os aspectos estruturais da língua quanto sobre os aspectos mais discursivos; a utilização de mecanismos supratextuais, que dizem respeito a procedimentos de formatação da página do texto, como título, subtítulo e paragrafação, além de procedimentos de relevo como sublinhado, itálico, negrito, entre outros. Por último, uma característica do próprio ambiente digital é a presença ou inserção de imagens e hiperlinks, que, por exemplo, são os elementos que mais diferenciam os textos digitais dos impressos.

Ao analisar a experiência de escrita digital, os estudiosos ressaltam ainda o potencial da prática pedagógica e apontam as contribuições tanto para o professor em sua prática de ensino quanto para o aluno no processo de aprendizagem:

Para o professor, a ferramenta oferece a possibilidade de acompanhamento de todo o processo de (re)escrita de (hiper) textos, auxiliando-o a avaliar tanto as dificuldades mais recorrentes apresentadas por todo o grupo, quanto as dificuldades individuais, podendo fazer uma orientação focada e, desse modo, obter maior êxito no término do processo.

Para os alunos, oferece a oportunidade de ensinar e aprender colaborativamente, além de lhes oferecer a possibilidade

de alterar seu próprio texto (ou do grupo) quantas vezes achar necessário, de maneira mais rápida e flexível, sem ter que reescrever tudo novamente. Além disso, o estudante poderá acompanhar e alterar seu texto de qualquer lugar (casa, escola, trabalho), já que a produção hipertextual permanece armazenada na grande rede, estando disponível simultaneamente tanto para aquele que escreve quanto para seus interlocutores (professor, demais colegas e qualquer outro leitor da Web) (BONFIM; GONÇALVES, 2014, p. 852, grifos nossos).

São ressaltadas as possibilidades de acompanhamento do professor de todo o processo de escrita e reescrita dos hipertextos produzidos pelos alunos, ao passo que se proporciona ao aluno uma aprendizagem colaborativa, flexível e acessível para todos os envolvidos na prática de ensino e aprendizagem. Diante da experiência de escrita digital compartilhada pelos estudiosos, podemos dizer que “[...] ensinar novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais de ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial” (MORAN, 2000, p. 63), pois o ciberespaço, com sua organização em rede, amplia o desejo de um ensino cada vez mais interativo e dialógico e torna professor e aluno parceiros no processo de ensino e aprendizagem.

O segundo estudo em destaque sobre a escrita em contextos digitais, (II) A prática de revisão textual na escola: uma análise das categorias de correção em uma oficina de fanfictions, analisou três aspectos referentes à revisão realizada por alunos nos textos de seus colegas em uma oficina de fanfictions no ambiente escolar, foram eles: o uso da correção indicativa no contexto digital; a correção resolutiva e textual-interativa e seu caráter polifônico; e o emprego da correção textual-interativa pelos discentes que se posicionaram como leitores interessados.

O gênero fanfiction constitui uma forma de escrita literária digital e colaborativa que consiste na recriação ou expansão de narrativas ficcionais já existentes produzidas por fãs que assumem o papel de coautores do universo narrativo que admiram. Configura-se como um gênero do discurso (BAKHTIN, 2016) emergente da cultura digital e marca a diversidade

dos gêneros presentes nas esferas sociais. Para Bakhtin (2016), a diversidade dos gêneros do discurso decorre das múltiplas situações sociais de interação, das posições ocupadas pelos interlocutores e das relações de reciprocidade estabelecidas entre eles. Diante dessas condições de produção, os gêneros se diferenciam e se transformam para organizar a comunicação humana. Quanto mais dominamos os gêneros, mais habilidosamente os empregamos, descobrimos neles a nossa individualidade e refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação, ou seja, “[...] tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 41).

Assim, compreender o gênero fanfiction como prática discursiva emergente implica reconhecer a sua natureza dialógica, suas implicações nos processos de interação discursiva entre autores e leitores e a articulação da revisão textual no contexto digital, analisando-se como os sujeitos interagem e constroem sentido no ambiente colaborativo das fanfictions.

Com base nos estudos de Serafini (1995), Ruiz (1998) e Gonçalves (2007), a pesquisadora adota as categorias de revisão – indicativa, resolutive, textual-interativa e classificatória – buscando compreender de que modo a prática da revisão tradicionalmente concebida no espaço escolar se reconfigura na esfera digital como atividade dialógica, responsiva e coautoral. Sobre a correção indicativa, a autora destaca:

Considerando o contexto das correções no papel impresso, a **correção indicativa** é empregada deliberadamente pelo revisor. Entretanto, no contexto digital em que as revisões das fanfictions ocorreram, os alunos revisores apropriaram-se dos recursos da ferramenta para efetuar uma parte da revisão que não precisou ser elaborada por eles. Assim, não foi preciso que eles manualmente indicassem ou destacassem os trechos que necessitavam de reformulação, já que podiam fazer uso de uma ferramenta que está programada para realizar esta tarefa toda vez que alguma alteração no texto for empregada pelo revisor (PARIS, 2018, p. 488, grifos nossos).

A correção indicativa consiste em marcar, junto à margem do texto, palavras, frases e períodos inteiros que apresentam inadequações lin-

guísticas ou trechos pouco claros. Dessa forma, há risco de o aluno não compreender a natureza do “erro” e não ter um direcionamento preciso para solucionar o problema apontado. No contexto digital, especialmente com a ferramenta de revisão do Microsoft Word – utilizada na oficina – os alunos revisores apropriaram-se desses recursos automatizados para realizar a revisão de modo mais ágil e assistido. Nesse ambiente, a correção indicativa passa a ser operacionalizada pela própria ferramenta, que registra e sinaliza cada modificação feita no texto. Essa dinâmica altera o modo como a prática de revisão se concretiza, incidindo sobre a função pedagógica da revisão e, de modo especial como essa categoria é compreendida e empregada no processo de ensino e aprendizagem da escrita.

Sobre a revisão textual-interativa, a pesquisadora destaca:

Na textual-interativa, “bilhetes” são escritos pelo revisor ao escritor, sendo semelhantes a cartas (RUIZ, 1998), na medida em que podem possuir saudação inicial, despedida e, principalmente, interação explícita com o interlocutor por meio da materialidade linguística do texto. Ruiz ainda explica que tais bilhetes geralmente são escritos no “pós-texto”, isto é, logo na sequência da produção do aluno ou em algum espaço “em branco” que foi obtido, considerando que são comentários mais longos do que os escritos na margem ou no corpo do texto [...]. No contexto digital específico da oficina de fanfictions, a correção textual-interativa foi empregada pelos alunos por meio de comentários na forma de balões, sendo esse um recurso fornecido pela ferramenta de revisão do Word [...]. Na correção textual-interativa, é comum que sugestões e indagações sejam feitas ao escritor (PARIS, 2018, p. 491-492, grifos nossos).

Nesse tipo de revisão, a ferramenta tecnológica contribui para o processo de reescrita. Enquanto no texto escrito o revisor escreve “bilhetes” para interagir com o escritor, no contexto digital, a correção se dá por meio de balões escritos às margens do texto que possibilitam o diálogo entre o revisor e o escritor, marcado no texto de forma mais explícita. Com as sugestões e indagações feitas pelo revisor, o aluno escritor pode refletir sobre seu texto, permitindo, assim, que ele seja responsável por pensar em alternativas para o que foi apontado como inadequado pelo revisor.

Nessa categoria, a autora a chama atenção para o caráter dialógico do discurso.

Para Bakhtin (2016, p. 92), as relações dialógicas “[...] são relações (semânticas) em toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos) acabam em relação dialógica”. Esse posicionamento evidencia que o diálogo entre os enunciados ocorre independentemente da esfera de uso da língua, desde que situados no campo vivo do discurso, isto é, na vida concreta. A compreensão do sentido é, por natureza, dialógica, extrapola o nível estritamente linguístico e se inscreve no plano extralinguístico. Sobre essa dialogicidade presente nos textos, a autora afirma:

A ideia de os alunos revisarem e terem seus textos revisados por um colega, por exemplo, possibilitou que eles, enquanto sujeitos revisores, **ocupassem a posição de leitores interessados e, além disso, considerassem o estudante escritor como um interlocutor autêntico, evidenciando as vozes dialógicas de todo e qualquer discurso** (PARIS, 2018, p. 499, grifos nossos).

No contexto da pesquisa, observa-se que os alunos revisores se posicionam também como alunos interessados nas histórias, fãs do universo ficcional, não se limitando apenas ao papel técnico de revisores de texto, mas revelando também impressões sobre a história e estabelecendo com o escritor um diálogo com os enunciados das fanfictions. Esse posicionamento revela que esses sujeitos constroem sentido de maneira colaborativa, ao instaurar um diálogo efetivo entre os enunciados, constituindo, assim, as relações dialógicas descritas por Bakhtin (2016). As interações de sentido ultrapassam o plano linguístico e se materializam no campo do discurso, cujo enunciado responde, complementa ou contesta outro enunciado. A revisão textual no ciberespaço, nesse sentido, revela uma prática dialógica por excelência e implica responsividade, valorização e coautoria. Ela adquire uma dimensão formativa intersubjetiva e reafirma o caráter vivo, responsivo e social da linguagem.

O último estudo analisado, o artigo (III) Ferramentas tecnológicas para investigação de autoria, verifica-se como se dá o processo de autoria permitido pela tecnologia nas produções textuais.

Para o estudo, esse ambiente de produção textual suscita implicações sobre a concepção de autoria nos textos digitais e sobre práticas escolares nesse contexto em que as marcas de um autor individual desaparecem em favor de um autor coletivo constituído pelo hipertexto. O estudo teoriza sobre a produção textual no ciberespaço, sem excluir a inter-relação do letramento de uma cultura impressa para um letramento de uma cultura digital. O estudo inicia situando o contexto em que a nova autoria se dá: a cibercultura, como cultura do letramento digital, que se desenvolve no ciberespaço.

Na pesquisa, o que determina as novas práticas letradas é a interação das mudanças tecnológicas com os fatores sociais, políticos e econômicos. As novas tecnologias, isoladamente, não são capazes de explicar o impacto nas formas de compreender e experienciar o letramento em ambientes digitais. É a articulação entre sujeitos, práticas sociais e mediação tecnológica que redefine os modos de ler e escrever. Nesse cenário, emerge a figura do novo autor – leitor e escritor do hipertexto – cuja autoria se constrói de modo colaborativo. As autoras destacam que:

Escrita e leitura trocam seus papéis, porque **quem participa da estruturação do hipertexto, fazendo escolhas e criando significados, é um leitor**. Aquele que atualiza percursos ou determinados aspectos da reserva documental interage com a redação, torna-se autor de um texto, finalizando temporariamente uma escrita interminável nessa nova prática de letramento digital (ZART; FRAGA, 2013, p. 70, grifo nosso).

Quem participa da composição do hipertexto é o leitor, cujo papel é fundamental ao fazer escolhas e criar significações. Nesse sentido, “[...] a hipertextualização objetiva, operacionaliza e eleva à potência do coletivo essa identificação cruzada do leitor e do autor” (LÉVY, 2011, p. 45), visto que há uma tendência à indistinção, mistura das funções de leitura e de escrita. Se assim definirmos um hipertexto como um espaço de lei-

turas possíveis, um texto apresenta-se como uma leitura particular de um hipertexto. Porém, esse mesmo leitor pode participar da estruturação do hipertexto, criando novas ligações, além de “[...] igualmente acrescentar ou modificar nós (textos, imagens, etc.) conectar um hiperdocumento a outro e fazer, assim, de dois documentos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos” (LÉVY, 2011, p. 45).

Nesse movimento de leitura e escrita no ambiente digital, destaca-se a reprodutibilidade técnica. Para o aluno, a escrita nos meios digitais possui características diferenciadas da escrita impressa, uma vez que envolve uma relação de sentido híbrida, em que o ato de ler e o de escrever se entrelaçam. Sobre esse aspecto, as autoras concordam que:

Trata-se da relação entre a mão e o olho no processo de escrita. No nosso entendimento, esse aspecto está diretamente relacionado à forma como o aluno concebe a escrita nos meios digitais. **Escrever é também olhar, buscar aquilo que já está produzido e que pode ser trazido, ou seja, atualizado para seu campo visual** (ZART; FRAGA, 2013, p. 71, grifos nossos).

Estamos diante de um ato de escrita que se constrói mediante atualização do texto lido, na dinâmica contínua em que o lido se transforma em escrito e o escrito, por sua vez, em um novo objeto de leitura, como destaca Lévy (2011, p. 45), “a partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita”. Nessa perspectiva, o texto produzido nos meios digitais configura-se predominantemente como uma reescrita ou reconstrução do texto lido, o que sinaliza o caráter interativo e recursivo das práticas discursivas digitais.

A construção do enunciado do aluno a partir da reprodução textual como posição de autoria analisada pelas autoras, é um posicionamento responsável e responsivo (BAKHTIN, 2017) perante a vida naquele momento. O ato da ressignificação textual por meio da reprodução técnica não constitui uma falsificação da produção textual, conforme defendem as autoras:

Na reprodução técnica, o aluno, por hipótese deste trabalho, na linha de Walter Benjamin, **não está falsificando sua produção textual** quando se vale de fontes da internet para a realização de tarefas propostas como pesquisa e produção textual, envolvendo o uso da internet. De fato, **ele tem mais autonomia pelo movimento hipertextual disponível pelos links, aspecto não oferecido pela reprodução manual**. A reprodução oferece possibilidade de o aluno utilizar o texto para um contexto improvável em relação ao contexto original. **Na produção textual, o aluno se insere num novo contexto, o que resulta na produção de um novo sentido. A reprodução técnica de um determinado texto para dentro de outro contexto não significa reproduzir sua autenticidade primeira; significa inseri-lo, ressignificá-lo, criando assim, uma nova originalidade** (ZART; FRAGA, 2013, p. 72-73, grifos nossos).

No movimento hipertextual de leitura e escrita, o aluno possui mais autonomia, uma vez que se insere em um novo contexto enunciativo e, conseqüentemente, na produção de novos sentidos. Nesse processo, não se trata de falsificação textual, mas de uma ressignificação criativa a partir do texto reescrito. Tal dinâmica configura um ato ético de ressignificação do projeto de dizer (BAKHTIN, 2017), que implica o reposicionamento do sujeito na interlocução, ao mobilizar recursos discursivos, composicionais e estilísticos para conferir ao enunciado um acabamento singular, dadas as condições específicas de enunciação. Trata-se, portanto, de um posicionamento ético no dever concreto, pois a reprodução do texto em outro contexto expressa uma participação concreta no existir evento, “[...] um dever real, concreto, condicionado pelo lugar que somente ele ocupa no contexto dado do evento” (BAKHTIN, 2017, p. 83).

Para que o processo de ressignificação se efetive como um ato responsável, é indispensável a mediação docente intencional e reflexiva, orientada pela conscientização crítica dessa prática. Tal postura exige do professor engajamento ético e dialógico com o processo formativo do sujeito escritor. Nesse sentido, ao tratar da conscientização do fazer autoral, as autoras enfatizam que:

Reportando-nos à sala de aula, é possível afirmar que, quando um aluno baixa um texto da internet e o entrega a seu pro-

fessor como cumprimento de uma tarefa, trata-se de uma **simples transposição do meio digital para o meio impresso, sem marcas de sua autoria**: mais do que um simples copia e cola. E sem querer julgá-lo como antiético – podemos entender que ele está numa nova prática de produção de texto em que a **internet passa a ser vista para ele como um repositório de textos – ele demonstrou desconhecer que identificar a autoria de um texto é uma prática social como qualquer outra que se desenvolve através da linguagem. Conscientizá-lo dessa necessidade pode fazer parte dos novos propósitos de ensino do professor que trabalha nos ambientes digitais. É um trabalho novo.**

Pensamos que, quando ele elabora um determinado trabalho, usando os recursos do hipertexto, os links, por exemplo, deixando nele marcas de sua caminhada, selecionando pontos que vem ao encontro de seus objetivos para a construção de um determinado sentido, **ele está demarcando aí a sua autoria e instituindo uma nova aura através da atualização de sentidos** (ZART; FRAGA, 2013, p. 78, grifos nossos).

Se o aluno utiliza o texto digital apenas para fins de impressão, no intuito de cumprir as tarefas escolares, limita-se a transpor o conteúdo digital para o meio impresso, sem promover qualquer significação e sem marcas de sua autoria. Nessa perspectiva, a Internet é concebida apenas como um repositório de textos disponíveis para cópia e colagem, esvaziando-se, assim, o potencial criativo dos ambientes digitais. Por essa razão, o trabalho de conscientização torna-se componente essencial dos propósitos pedagógicos de quem se propõe a ensinar e aprender por meio das tecnologias digitais.

Cabe ao professor o papel de orientar os novos usos do texto digital, assumindo a função de mediador crítico das práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais. Segundo Ribeiro (2018, p. 78), é necessário “[...] ensinar de forma sistematizada, pensada e editada, sem, no entanto, omitir possibilidades dos estudantes [...]”. Para tanto, a autora acrescenta, “[...] continua a importante agência do professor, entendido como cidadão que toma para si a tarefa de contar, propor, indicar, recomendar, avaliar, ler, cuidar e tantos outros verbos balanceados conforme a mistura de que se necessita, integram-se a palavra ensinar”. Essas tarefas, longe de se esvaziarem, reafirmam-se e se ampliam quando o ensino se rea-

liza no contexto digital. Portanto, a mediação docente ainda é condição fundamental para a construção das práticas letradas éticas, críticas e colaborativas nos espaços digitais de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação aqui apresentada coloca para o campo da Linguística Aplicada relevantes contribuições epistemológicas, teóricas e metodológicas das investigações sobre linguagem em contextos educacionais mediados pelas tecnologias digitais. Ao problematizar a escrita digital, a autoria e a mediação docente, sob uma perspectiva dialógica e crítica, o estudo amplia os horizontes da LA contemporânea, deslocando-a de um campo meramente aplicado para um espaço de produção científica socialmente comprometida.

Os estudos analisados – a escrita colaborativa via wiki, a revisão textual digital e a autoria no ciberespaço – permitiram observar que as tecnologias digitais podem ser ferramentas potencializadoras da dialogicidade e da coautoria quando integradas criticamente aos processos de ensino. Elas instauram novos paradigmas de produção e circulação do texto no ciberespaço e, por isso, exigem do professor e do aluno novas posturas discursivas diante do conhecimento. Constatou-se que a escrita digital amplia as possibilidades de interação e de (re)construção de sentidos, uma vez que a natureza hipertextual, multimodal e interativa permite que o leitor navegue entre múltiplos discursos por meio de links, janelas e caminhos não lineares que interligam diferentes textos, autores e mídias. Essa liberdade do sujeito leitor também revela a necessidade de reconhecer os riscos de uma prática pedagógica superficial ou meramente instrumental, o que faz da mediação docente um elemento estruturante do processo de ensino e responsável, em grande medida, pela apropriação consciente dos recursos digitais disponíveis e usados em sala de aula. Significa dizer que, embora a tecnologia possa favorecer a construção colaborativa do conhecimento, sua eficácia depende da intencionalidade pedagógica.

Diante do exposto, o estudo também indica a necessidade de novas investigações que aprofundem a análise da escrita digital em contextos escolares concretos, com foco nas práticas reais de sala de aula, nas interações professor-aluno e nas estratégias de mediação que emergem do cotidiano escolar. São pesquisas com esse perfil que poderão contribuir para a formulação de propostas pedagógicas mais consistentes e críticas para a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail M.; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto e Cristóvão Tezza. Circulação restrita. [S. l.]: [s. n.], 1976.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BONFIM, Luciene da Silva Santos; GONÇALVES, Adair Vieira. Escrita digital colaborativa a partir da tecnologia wiki. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, 2014.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **Divulgação científica**: linguagens, esferas e gêneros. 2013. (Tese de Livre-docente) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GONÇALVES, Adair Vieira. **Gêneros textuais e reescrita**: uma proposta de intervenção interativa. 2007. 343 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2007.

GONÇALVES, Adair Vieira; NAPOLITANO, Alice Ane. A (re)escrita de textos em livros didáticos de língua portuguesa. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 35, p. 105-114, 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.

MORAN, José M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemática. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 15. ed. Campinas: Papirus Editora, 2000. p. 11-66.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PARIS, Larissa Giacometti. A prática de revisão textual na escola: uma análise das categorias de correção em uma oficina de fanfictions. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

RUIZ, Eliane Maria Severino Donoia. **Como se corrige redação na escola**. 1998. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos?** 7. ed. São Paulo: Globo, 1995.

SILVA, Wagner Rodrigues; SANTOS, Janete Silva; MENDES, Aliny. Investigação científica na docência universitária: reescrita como uma atividade sustentável na licenciatura. **Raído**, Dourados, v. 8, n. 15, p. 71-93, jan./jun. 2014.

SOUZA, Albanyra dos Santos. **Leitura e escrita no ciberespaço**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

ZART, Lidia Helena Muller; FRAGA, Dinorá Moraes de. Ferramentas tecnológicas para investigação de autoria. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 67-83, 2013.